

## **A TRINDADE**

### **O currículo do ensino religioso do ponto de vista antropológico**

Elisabeth Correa

*Texto originalmente publicado no Periódico nº 52 da FEWB em abril de 2011*

É indiscutível que Rudolf Steiner tinha a grande preocupação em configurar o ensino religioso cristão livre de maneira a não levar a matéria em forma intelectual as crianças, mas antes dirigi-la à índole delas e avivar-lhes o querer. Para que esse ensino fosse levado de forma adequada a cada uma das faixas de idade, Rudolf Steiner nos legou um diamante espiritual, o currículo para esse ensino. Cabe a nós, professores, a responsabilidade de elaborar as suas facetas de modo a irradiar um elevado valor aos corações das crianças.

O que consta nesse currículo para cada faixa etária? Encontramos indicações precisas no livro “O Ensino Religioso”<sup>1</sup>, tanto para o conteúdo como para a metodologia. A respeito, desejo dar algumas sugestões oriundas da prática desse ensino e também relatar obstáculos que se apresentam em nossa época, uma época que simplesmente não é equitativa para as crianças e que as afeta profundamente.

O currículo recomenda que levemos em consideração «uma espécie de visão retrospectiva sobre toda a sorte de estados que existiam antes do nascimento e que as crianças ainda possuem quando se aproximam do sétimo ano de idade.» E muito raro que uma criança ainda tenha noção da sua origem espiritual, contudo, conhece bem o processo fisiológico. Com muita alegria as crianças começam com um pulo a recitar o verso: “Da luz nascemos, das luminosas alturas celestiais, descemos à Terra, para estarmos nela com toda firmeza.” Finalizam batendo os pés com energia.

No entanto, apresenta-se constantemente uma pergunta latente em nós: o desenvolvimento dos nossos alunos, em suas faixas de idade, ainda corresponde ao de 90 anos atrás? Não deveríamos “modernizar” o currículo para atingir a alma das crianças?

Recebi a resposta de um elevado escalão: “Aprofunde-se mais, tanto na índole das crianças como também no currículo.”

Com muita preocupação tenho constatado que um grande número das crianças que ingressam no 1º ano escolar estão dominadas por uma fascinação pelo feio e pelo mal. Gostam de monstros, de dinossauros, do dragão que, aliás, adquiriu uma dimensão tal que precisamos olhar com muita atenção para conseguir identificar o Arcanjo Micael. Nesse contexto dispomos de uma grande ajuda nos verdadeiros contos de fadas em que, na maioria das vezes, o feio e o mal se empenham para dominar os acontecimentos, mas, por fim, são vencidos pelo belo e pelo bom. Um suspiro de alívio percorre a classe e confirma as palavras que Rudolf Steiner dirigiu aos professores: “...atuar de maneira que a criança aprenda a ter prazer em exercitar o bem, a repudiar o mal, portanto, a amar o bom e não amar o mal.”<sup>2</sup>

Havia em uma 2ª classe algumas crianças que se sentiam fortemente atraídas pelo mal. Em sua curta biografia, aquelas crianças já haviam vivenciado muitas situações adversas e especialmente a elas eu queria devolver a crença na atuação divina sobre o nosso mundo. No silêncio da noite ocupei-me intensamente com a pergunta de como alcançá-las. Na manhã seguinte chegou-me à resposta sob a forma de um livro que de repente me caiu nas mãos. Ele continha a lenda do diabo que, em um vale cheio de serpentes venenosas prometeu, à mais bela e mais venenosa delas, fazê-la rainha se ela mordesse apenas uma vez o Jesus Cristo que se

aproximava. A serpente enrolou-se e, sem se mover, fingiu estar dormindo. Quando Cristo chegou ao vale e se recostou embaixo de uma árvore, a cobra se aproximou dele, subiu silenciosamente até a altura de Sua Cabeça e sussurrou-lhe ao ouvido: “Senhor, ajude-me e dê-me força para que eu não O morda. Depressa, por favor, pois nado conseguirei reter o meu veneno por muito tempo.” Cristo acariciou bondosamente a cabecinha da cobra. Ao chegar pouco depois, a fim de saborear sua vitória, o diabo assustou-se terrivelmente: todo o vale das serpentes venenosas havia se transformado em um lindo mar de flores azuis e cada uma das flores assemelhava-se à cabecinha da bela cobra venenosa. E por isso que hoje essa flor é chamada cabeça de cobra (Natternkopf).

E justamente essa classe não se cansava de ouvir histórias de como o mal é suprimido através da ação divina na Natureza. Faz um grande bem as crianças quando lhes apresentamos imagens do espiritual na Terra. A esse assunto cabem também as histórias dos seres elementares, sejam eles chamados de andes, gnomos ou espíritos da Natureza etc.; o importante é que os relatos ou as histórias sejam verdadeiros para nós educadores, pois seria uma ofensa a alma da criança se contássemos histórias em cujos conteúdos não acreditamos. Para tanto, dispomos de incontáveis indicações de Rudolf Steiner em seus livros e palestras.

Uma transição para o reinado de Cristo nos é dada pela narração do Merlin, na 4ª classe. Filho do diabo com uma virgem, ele foi trazido pelo mal ao mundo como anticristo, mas colocou-se conscientemente ao lado de Cristo... Ele estabelece também a ponte para a narração de biografias, para Parsifal. Quanto sofrimento este criou, quanta culpa acumulou em si enquanto ainda era ingênuo e, no entanto, foi escolhido para ser o Rei do Graal... Mas até chegar a isso, teve de percorrer um longo caminho e passar por uma grande transformação!

No 5º ano escolar dirigimo-nos à pátria de Cristo; pelo currículo são indicados os Evangelhos. E com isso apresenta-se uma nova dificuldade: as crianças não têm um interesse duradouro pela Bíblia. A introdução ainda é aceita, mas depois? A esse respeito Rudolf Steiner expressa-se claramente: nada de abstrações e tampouco fazer decorar textos. Estes são princípios óbvios em uma Escola Waldorf, mas até mesmo o simples folhear da Bíblia já apresenta dificuldades, pois quase nenhuma criança mostra interesse por esse livro. E temos de abordar os 4 Evangelhos! Como posso despertar um interesse caloroso? Com esta pergunta dirigi-me ao Mestre do Amor ao Próximo e a Sua resposta foi: “O que os Evangelistas narram é a minha biografia.” E um mundo abriu-se a mim. Os 4 Evangelistas vivenciaram com grande intensidade a vida dele, o Seu amor pela Humanidade, a Sua Essência Solar. Essa tarefa passou a fluir do meu coração como uma corrente, algumas gotas e as vezes até um pequeno córrego chegavam às crianças, sempre de maneira diferente, de acordo com a classe. Quando, por exemplo, as crianças estão muito inquietas, é recomendável ocupá-las com um trabalho manual ligado ao tema. Certa vez decidi modelarmos a Terra Santa em uma grande maquete. As crianças só necessitaram da minha ajuda quando chegaram a ponto de ter de dar forma equivalente ao abismo de 400 metros sobre o Mar Morto. Depois seguiu um fervoroso trabalho de modelagem. A maravilhosa descrição da paisagem trimembrada que serviu de modelo para esse trabalho devo ao livro de Emil Bock sobre a infância e juventude de Jesus.<sup>3</sup>

Nessa idade as crianças querem trabalhar com materiais “legítimos”; assim, usaram seixos do pátio escolar a fim de formar o deserto de Judéia, trouxeram de casa sal para o Mar Morto etc. E então pude começar com o Evangelho segundo Lucas e as crianças acompanharam com grande interesse as peregrinações; primeiramente a de Maria que, grávida, vai da pequena comunidade de Nazaré, na aprazível Galileia, ao encontro de Elizabete para depois retornar a Nazaré, seguindo logo para Belém, a cidade em que deu a luz. E assim as crianças puderam também acolher vivamente em seus corações os caminhos percorridos por Cristo, seus atos, suas exortações, seu amor pela Humanidade, o seu sacrifício e sua ressurreição.

Muito mais fácil, pensei eu, seria narrar biografias de pessoas extraordinárias. Bastaria acertar na escolha, dentre as muitas, da biografia adequada a idade dos alunos. Pela minha experiência de muitos anos, a missão de Joana D'Arc era ideal para ser narrada à 7ª classe. Os alunos sempre se encheram de admiração pela Joana até que, certa vez, a reação deles foi diferente. Os alunos mais eloquentes, à frente deles uma aluna, simplesmente não se identificavam com o tema. Além disso argumentavam ser injusta a posição favorável do Arcanjo Micael com relação aos franceses. Tomaram uma posição antibélica, sem aceitar quaisquer contra-argumentos. Para mim, esta era uma situação sem precedentes; interrompi meu plano curricular sobre Joana D'Arc e procurei aconselhar-me junto a Ele. Sua resposta foi a seguinte: “Joana D'Arc cumpriu sua missão sem nunca a haver questionado. Estas crianças têm uma outra consciência. Descubra, pois, o que elas sentem.” Pedi as crianças que fizessem uma redação sobre o tema “O que eu faria se fosse um cavaleiro medieval”. Elas apresentaram redações em parte muito comoventes, plenas de compaixão e consciência de responsabilidade, onde a utilização de armas era negada e a preocupação social estava em primeiro plano.

Portanto, qual biografia é apropriada para o final do primeiro grau? Procurei a resposta na oração que se tornou lema para mim: “Oh Cristo, que meu coração leve em si a consciência da Tua vida” (extraída do terceiro culto para alunos da Escola Waldorf, “Celebração do Sacrifício”). Essa frase é uma oração, uma oração de súplica; ela foi ouvida, mas, quase que com severidade, veio-me a resposta em forma de pergunta: “E outros não?” Naquele momento abriu-se um amplo horizonte; tantas pessoas levam a vida de Cristo em suas ações, em seu coração, em seu olhar e, quanto maior o meu interesse pelo mundo, tantas mais pessoas descobro, que levam Cristo em si. Alguns exemplos: Elisabeth Kübler-Ross, George Carver, Maria Madalena, James Whittaker.

E assim chegamos, ao fim da 8ª classe, com uma nova visão, a visão de Cristo no outro “Ainda que seja apenas uma centelha...”. Sob esse título pedi aos alunos que escrevessem uma redação, confiando em que eles realmente soubessem olhar para o mundo; todos encontraram uma centelha da essência de Cristo. Essa fase, que se encerra com o culto dos jovens, produziu o efeito de proporcionar aos jovens a aptidão de darem com segurança e uma certa dignidade o passo para o segundo grau.

9º - 12º anos escolares: assim, pudemos começar na 9ª classe com a Ascensão de Cristo e a impressionante alocução de Pedro na Festa de Pentecostes. No currículo: os Atos dos Apóstolos.

Mas, a vida no 2º grau logo perde o seu brilho de novidade e os corpos astrais, agora autônomos, mostram rapidamente os seus “chifrezinhos”. No currículo aparece Paulo, um Paulo terrível que supunha agir corretamente, mal orientado através de sua iniciação pelos antiquados fariseus. Pode surgir então uma nova forma de ensino, se não permitirmos que o nosso olhar se turve diante do comportamento externo dos jovens e penetrarmos em sua luz espiritual oculta. Assim como o então ainda fariseu Paulo, através de uma iniciação inadequada, devastava as vidas dos cristãos, dirigido por suas visões errôneas, “visões escatológicas-apocalípticas”<sup>4</sup>. As visões provocadas pelo uso de drogas causam a ilusão de uma visão verdadeiramente espiritual. Este caminho errôneo foi corrigido pela aparição de Cristo a Paulo. Com esta visão ante o portal de Damasco, mudou sua conduta de vida completamente. “Não eu, mas Cristo em mim” também é, hoje em dia, uma visão conscientizadora para os jovens. O que pode ser a minha visão de vida? Os meus ideais? Quero realmente segui-los? Diálogos com jovens só têm valor se respeitarmos sua liberdade de opinião e exigirmos deles o mesmo.

10º ano escolar: Nesse sentido vejo a possibilidade de conversar com os jovens sobre o cristianismo em sua missão de amor e liberdade. No currículo é mencionado Sto. Agostinho. “Por que Sto. Agostinho?” perguntei, como aluna, ao Senhor. A resposta demorou a chegar, pois eu tinha algo contra o Sto. Agostinho enquanto via nele somente uma figura histórica. Até que as coisas se me tornaram claras, quando constatei que o currículo refere-se as “confissões”. Então,

uma frase de Sto. Agostinho abriu-me o portal ao cristianismo, tal como é apresentado por Rudolf Steiner. A frase é a seguinte:

“O que hoje chamamos de religião cristã já existia desde a origem do ser humano. Quando, depois, Cristo surgiu em carne e osso, passou a ser chamada de religião cristã, embora já existisse antes.” O que sabia eu do “antes”? Perseguiu-me a pergunta: “Como era a Sua existência antes?” A resposta chegou-me através da Sofia, a Antroposofia. “Integra-te com o impulso Dele!” Na prática isso significa a leitura de incontáveis conferências e palestras de Rudolf Steiner. O impulso de Cristo está em tudo! Desde a criação do mundo e do ser humano até que ambos tenham cumprido a sua missão. A esse respeito há muito o que dizer, talvez mais tarde possa vir a ser tema a ser aprofundado. Mas uma coisa é certa: CRISTO; TERRA e SER HUMANO PERTENCEM-SE RECIPROCAMENTE!

“Existe uma comunhão com Cristo através da Terra, pois o Espírito de Cristo uniu-se à Terra desde o Evento do Gólgota”, disse Rudolf Steiner há mais de cem anos. Cristo está em tudo. Ele é tudo. Ele liga o microcosmo com o macrocosmo. Por isso é justamente Cristo em nós que estabelece a ponte entre a ciência, a religião e a arte e, com isso, a faculdade de levar uma vida religiosa na era das ciências.

11º ano escolar: O meu ponto de partida com os alunos é o sol e sua ligação física, anímica e espiritual com a Terra e com a Humanidade. “A matéria da qual o Universo é constituído, é matéria espiritual.” Quem afirma isso é o famoso cientista inglês Arthur Eddington (1882-1944). Rudolf Steiner, 1921: “Cristo desceu à Humanidade a fim de que as almas humanas pudessem ligar-se a esse espírito cósmico. E só é um verdadeiro preconizador do Evangelho de Cristo aquele que apontar ao fato de que aquilo que se manifesta física e sensorialmente no sol é a expressão do espírito do nosso mundo, a elevação do espírito do nosso mundo.”

Gertrud Kühnel o expressa assim: “E como se a trilha luminosa de uma sabedoria primordial se estendesse do Deus da Luz através da Humanidade. Não era anunciado nenhum deus novo (...), mas era a vinda de Cristo, o Filho do Sol.”

Salmo 104,2: “Tu te envolves em luz como em um vestuário...”

Hoje em dia precisamos tornar a aprender e ensinar a ver Cristo em toda sua grandeza e força irradiante.

Rudolf Steiner: “Só teremos conhecimento da verdade quando avistarmos em cada átomo uma parte do Espírito de Cristo.”

O tema principal para o 12º ano, segundo o currículo, é “as religiões do mundo”. A tarefa que dou aos jovens é a de escolher uma religião e preparar um relato a ser apresentado em classe. O critério principal é evitar discutir os aspectos negativos de cada religião e pesquisar (ou até vivenciar) o que há de positivo nelas e narrá-las. Menciono aqui somente três resultados:

Catolicismo: a beleza cültica da missa.

Budismo: a santidade do nobre caminho óctuplo.

Islam: o movimento esotérico sufista. Os dervixes.

A Trindade, da qual o currículo é constituído, pode ser vivenciada pelos alunos da seguinte forma:

Na 1ª classe procuramos fazer as crianças se recordarem de haver nascido da luz de Deus, de que elas veem a este mundo onde todos os seres da Natureza têm sua origem divina-espiritual. Até a 4ª classe a manifestação do divino na Natureza é contada em histórias onde atuam as criaturas da Terra e colaboram com os seres humanos no exercício das suas profissões.

Da 5ª à 8ª classe procuramos levar aos corações dos alunos a atuação de Cristo em nós, através das biografias.

Do 9º ao 12º ano: levar o olhar dos jovens, através de pesquisa científica-espiritual, para o reconhecimento da sabedoria divina como uma Verdade que atua no Cosmo, na Terra e na Humanidade.

O Cristo-Sol ilumina o percurso através de todos os anos escolares. Se nos preocuparmos em “ler a alma da classe” e formos criativos, Ele nos ajudará a reunir arte, religião e ciência.

**A autora:** *Elisabeth Correa atuou por muitos anos como Professora de Língua Estrangeira e de Religião no Colégio Micael em São Paulo e, ao mudar para a Áustria, continua atuando na área do ensino religioso na Escola Waldorf de Linz- Áustria. Periodicamente visita o Brasil e trabalha com os professores das escolas Waldorf.*

## **Bibliografia**

<sup>1</sup> Editado pela Seção de Pesquisa da Liga das Escolas Waldorf Livres, São Paulo.

<sup>2</sup> Ilkley, 17 de agosto de 1923.

<sup>3</sup> Emil Bock: «Kündheit und Jugend Jesu», editora Urachhaus, 1980, Stuttgart.

<sup>3</sup> Emil Bock: Paulus, Urachhaus Stuttgart, 1954.

<sup>5</sup> Rudolf Steiner, O Evangelho segundo João, 1909.